



# REI DA INVEJA

LUXO, OBSESSÃO E LEALDADE



# ANA HUANG

A todas as leitoras que gostam de homens fictícios  
levemente desequilibrados.  
Este livro é para vocês.

## CAPÍTULO 1

Ayana



– MEUS PARABÉNS. METADE das pessoas aqui quer te matar e a outra metade quer ser você. – Os lábios do meu noivo roçaram minha bochecha.

– Isso, *sim*, é uma conquista.

– Não sei bem se é motivo de orgulho – retruquei discretamente, mantendo o sorriso firme. As pessoas estavam nos observando. – Ainda mais a segunda parte.

– A lista de convidados parecia só incluir os maiores da moda, e pelo visto isso se confirmou – rebateu ele. – Inspirar inveja numa multidão como esta é um talento. Aceita, MOTY.

Soltei uma risada abafada.

– Sério, você tem mais orgulho desse título do que eu.

MOTY era a abreviação de “Model of the Year”, modelo do ano. Oito meses haviam se passado desde que recebi o prestigioso título, e Jordan ainda mencionava o fato sempre que podia.

– O que posso dizer? Isso só prova que tenho um olhar apurado. – Ele deu uma piscadela. – Lembro quando o Hank falou pra todo mundo que tinha encontrado “o rostinho do século” numa festa universitária aleatória em Washington. Agora olha só pra você.

Meu sorriso vacilou à menção do meu agente, mas segurei as pontas.

– Não sei se sou o rostinho do século, mas isso aqui sem dúvida é melhor do que uma república de estudantes fedorentos.

Tomei um gole de champanhe e contemplei o jardim a céu aberto. Naquele momento, estávamos bancando os anfitriões num coquetel de fim de

verão da Jacob Ford, a icônica loja de departamentos de luxo fundada pelo avô do meu noivo havia mais de meio século.

Jordan me alçara à fama ao me escolher para ser embaixadora da loja, quatro anos antes. O tamanho e o sucesso de uma única campanha abriram mais portas do que dois anos de testes de elenco e trabalhos pequenos. Eu devia minha carreira a ele e à empresa.

Ele havia alugado um terraço para aquela festa. Os drinques corriam soltos, o sol brilhava e vários dos convidados nos encaravam, tentando (ou não) disfarçar os cochichos. Jordan estava certo: alguns deles definitivamente queriam me ver morta.

Trabalhar como modelo era fazer parte de uma indústria cruel. Minha ascensão nos últimos anos, aliada ao noivado com um dos solteiros mais cobiçados de Nova York, não me fizera cair nas graças de muitos colegas do meio. Eu tinha poucos amigos e ainda menos amigos *de verdade*.

Não havia o que fazer a respeito disso, mas, às vezes, eu pensava na vida que teria se não estivesse sempre tão exposta ao olhar público.

– Opa. – Jordan se apurou. – Míssil à vista. Se prepara, ou ela vai te explodir em mil pedacinhos.

Meu breve surto de melancolia estourou como uma das bolhas em minha bebida. Abafei outra risada mesmo enquanto seguia o conselho de Jordan e me preparava para o impacto.

A indomável Orla Ford não era fácil. Embora Jordan fosse o CEO, sua avó era a acionista majoritária e a matriarca da família. Ela comandava o clã Ford de sua mansão em Rhode Island, e a capacidade de dobrar metade de Manhattan à sua vontade mesmo estando a mais de trezentos quilômetros de distância era prova de sua personalidade forte.

– Vocês são os anfitriões da festa, certo? – disse ela ao vir em nossa direção.

A elegante mulher de 84 anos estava impecável num terninho floral que combinava com o seu famoso colar de diamantes e esmeraldas, mas, de perto, parecia exausta. Suas bochechas estavam encovadas e havia um leve tremor em suas mãos.

Mesmo assim, mantinha-se ativa e imponente, estreitando os olhos à espera da nossa resposta.

– Sim, vovó – respondeu Jordan, sem mais nenhum resquício de leveza.

– Então por que estão de gracinha aqui no canto, feito dois colegiais, em vez de *receberem os convidados*? – Orla estalou a língua. – Dante e Vivian

Russo estão aqui. Stella Alonso está aqui. Vão conhecer gente. Vocês estão noivos agora... Vão ter tempo de sobra para essas coisinhas de casal mais tarde.

Meu rosto esquentou com seu tom sugestivo ao dizer “coisinhas de casal”. Jordan colocou sua bebida numa mesa próxima e saiu em disparada. Tentei ir atrás dele, mas sua avó segurou meu braço.

– Você não, querida. Ainda não. – Ela me examinou com um olhar perspicaz. – Você está linda.

– Obrigada – respondi, satisfeita.

Os elogios de Orla eram raros, e eu sabia a importância de sua validação.

Estava usando um vestido amarelo-çafrão curto, da coleção da própria loja. Meu cabelo alisado com prancha caía em ondas largas sobre os ombros, e meus saltos que desafiavam a gravidade me deixavam cinco centímetros mais alta até do que Jordan, que tinha 1,82 metro. Tinham custado uma fortuna, mas eram tão lindos que não resisti.

Todo mundo tinha suas indulgências. As minhas eram sapatos e perfumes. Também fazia tricô, mas minhas peças saíam tão deformadas que eu ainda não contara para ninguém sobre esse hobby.

– Queria falar com você porque não costumamos nos ver pessoalmente – disse Orla. – Sei que você e Jordan já estão noivos há um bom tempo... um ano e quatro meses, acredito... mas eu...

Ela vacilou. Sua respiração ficou ofegante. Quase estendi a mão para ver se ela estava bem, mas Orla logo se recuperou e continuou como se nada tivesse acontecido:

– Ainda não tive a oportunidade de lhe dar as boas-vindas à família de maneira apropriada. – Ela segurou minha mão nas dela. – Por muito tempo, pensei que o Jordan jamais encontraria a parceira certa. Ele é meu único neto, e eu ficava... preocupada. Ele nunca namorou ninguém por mais de algumas semanas. Temia que, quando ele *finalmente* nos apresentasse alguém, fosse uma desclassificada qualquer. Estou muito feliz que seja você. – Orla deu um tapinha na minha mão. – Vocês formam um belo casal. Sei que você vai cuidar bem dele.

Ela soou sincera, mas um pouco triste. Ignorei o uso da palavra “desclassificada” – afinal, a mulher tinha quase 90 anos – e disfarcei minha confusão com outro sorriso.

Orla não era uma pessoa sentimental e já havia me dado as boas-vindas à família na festa de noivado, mais de um ano antes. Será que tinha esquecido?

– Eu agradeço, Orla. Você tem sido muito gentil comigo desde que anunciamos o noivado. Estou, há... muito animada para me juntar à família.

Se ela notou minha pequena hesitação, não demonstrou.

– Imagina, querida. Eu precisava lhe dizer isso pessoalmente. Não podia contar com minha filha para isso. A única coisa que ela sabe fazer é gastar meu dinheiro e arrumar amantes cada vez mais chocantes. – Ela olhou para o lado. – Ah, lá está Buffy Darlington. Com licença, preciso cumprimentá-la.

Orla deu um último tapinha em minha mão antes de se retirar. Fiquei olhando para o lugar vazio onde ela estivera. O que tinha acabado de acontecer?

– Você parece em estado de choque. O que ela falou? Ela reclamou de você estar usando um sapato que te deixa mais alta do que eu? – Jordan reapareceu como um fantasma, se materializando do absoluto nada após a avó ter se afastado. Ele a amava, mas também morria de medo dela. – Você sabe como ela é exigente com aparências. Não pega bem quando a mulher é mais alta do que o homem, blá-blá-blá.

– Bem, eu tenho 1,78 metro descalça, então acho que vai ser difícil – brinquei. – Mas não, ela não falou nada dos meus sapatos. – Fiz um breve resumo da conversa e concluí: – Inclusive, não quero te deixar preocupado, mas está tudo bem com a sua avó? Ela parece um pouco pálida e as mãos dela não param de tremer.

Jordan franziu a testa.

– Tenho certeza de que está tudo bem. Ela pegou uma gripe na semana passada e ainda está se recuperando. É óbvio que ela insistiu em vir à festa mesmo assim. Adora uma chance de se gabar da empresa e do nosso casamento. – Ele virou o copo de uísque cheio que tinha na mão. – Por falar nisso, não esqueça que temos um jantar com o Vuk na sexta-feira para tratar de umas coisas do casamento. Reservei uma mesa para nós naquele novo bistrô francês em West Village.

O champanhe ficou amargo na minha boca.

Vuk Markovic tinha sido colega de quarto de Jordan na faculdade e seria

padrinho do nosso casamento. Eu não o conhecia bem, mas nossas interações anteriores não tinham sido das mais calorosas. Na verdade, eu tinha quase certeza de que ele me desprezava, embora não fizesse ideia do porquê.

Sempre fui amigável e cordial com ele e nunca dei ouvidos aos rumores de que o poderoso CEO estava possivelmente envolvido em negócios mais obscuros do que a administração da maior empresa de bebidas alcoólicas do mundo.

Jordan era um dos melhores caras que eu conhecia. Havíamos nos aproximado enquanto eu trabalhava na campanha da Jacob Ford, e éramos amigos desde então. Ele jamais convidaria alguém para ser seu padrinho se a pessoa não fosse idônea. Certo?

– Sexta-feira no Village. Pode deixar – respondi. – Estou um pouco surpresa por ele não estar aqui hoje.

– Sério? – Jordan parecia cético. – Vuk odeia festas. Algo me diz que, para ele, um baile de gala com música ao vivo é a representação exata do sétimo círculo do inferno.

Dei risada.

– Sei lá. Ele compareceu a um monte de festas este ano. A *Mode de Vie* até mencionou isso no perfil que fez sobre ele, mês passado.

– É verdade, mas eu não contaria que essa tendência vá durar muito. Vuk faz o que precisa fazer para impulsionar os negócios dele e pronto. Um coquetel num jardim não se enquadra nesse princípio. Merda. Minha avó está me fuzilando com os olhos outra vez. Vou atrás de alguém “importante” para conversar antes que ela me apunhale com um picador de gelo. Pelo visto, vamos ter que passar o resto da festa afastados, ou ela vai nos acusar de não sermos bons anfitriões.

– Também acho.

Apertamos as mãos solenemente, nossas bocas se contorcendo numa tentativa de conter o riso.

– Boa sorte, soldado – falei. – Nos vemos depois da batalha.

Jordan respondeu com uma continência lacônica e desapareceu no meio da multidão. Tomei um último gole da minha bebida antes de ir até Stella Alonso e seu marido.

Passei por Orla no caminho. Suas palavras ecoavam em minha cabeça: *Vocês formam um belo casal. Sei que você vai cuidar bem dele.*

Fiquei mesmo muito feliz em ouvir aquilo. Muitas pessoas a achavam

assustadora – o que ela podia ser mesmo –, mas, em particular, era mais calorosa do que os outros imaginavam.

Retribuí o sorriso dela e ignorei a abrupta sensação de culpa em minhas entranhas.

Obter a aprovação de Orla era uma grande conquista, mas eu suspeitava que ela seria menos benevolente comigo se descobrisse a verdade: que meu noivado com seu neto era uma farsa.

## CAPÍTULO 2

Ayana



NAQUELA SEXTA-FEIRA, COMO PROMETIDO, fui ao bistrô onde Jordan havia feito a reserva. A comida estava deliciosa, mas infelizmente é difícil apreciar até mesmo uma refeição com estrela Michelin quando a pessoa sentada à sua frente te odeia.

Vuk não disse isso, é claro, mas dava para *sentir* a animosidade que emanava dele, e precisei de todo o meu autocontrole para não esmorecer sob seu olhar.

Tomei um gole d'água e tentei evitar qualquer contato visual enquanto Jordan, ao meu lado, falava sobre nosso casamento:

– Conseguimos o castelo na Irlanda, cortesia do Katrakis – disse ele, alheio à tensão que sufocava a mesa. – Setecentos convidados. Cinco dias no campo. Depois, a cerimônia etíope nos Estados Unidos. Vai ser o casamento do ano, e estamos empolgados. Não é mesmo, querida?

– Com certeza.

Abri um sorriso. A ideia de passar cinco dias com setecentas pessoas que mal conhecia me dava vontade de rastejar até um buraco e definir lá dentro. Isso sem contar as outras centenas que meus pais estavam convidando para a recepção que *eles* faziam em Washington.

No entanto, eu tinha que desempenhar o papel de noiva empolgada. Era parte do nosso acordo. Jordan precisava de uma esposa para garantir a herança; eu precisava de dinheiro para me livrar do contrato horrível que tinha assinado na juventude para ajudar minha família.

Cinco milhões de dólares à vista por cinco anos da minha vida, e outros

cinco milhões quando Jordan recebesse a herança. Era um acordo mutuamente benéfico.

Então por que me sentia desconfortável toda vez que pensava na cerimônia?

– A lista praticamente inteira confirmou presença. – A voz de Jordan se sobressaiu ao barulho do restaurante. – Por falar nisso, obrigado por cuidar da despedida de solteiro. Sei que festas não são muito... a sua praia.

Silêncio.

Sempre o silêncio.

Finalmente olhei para o outro lado da mesa, onde o padrinho de casamento era uma montanha imóvel de músculos e cicatrizes.

Vuk Markovic.

CEO da Markovic Holdings, presidente do comitê de gestão do Valhalla Club e talvez a pessoa mais intimidadora que eu já tinha conhecido.

Com 1,98 metro de altura, mesmo sentado ele pairava muito acima de mim. Sua expressão sisuda e a cicatriz brutal – a única mácula em seu belo rosto – davam a ele um ar de perigo silencioso, mas eram seus olhos que me causavam arrepios dos pés à cabeça.

Gélidos. Impassíveis. De um azul tão claro que parecia branco.

Aqueles olhos assustadores encontraram os meus por um breve instante antes de Vuk voltar a atenção para Jordan e responder com uns poucos gestos bruscos das mãos.

Eu havia aprendido linguagem de sinais no ensino médio, depois que minha tia perdeu a audição, então entendia Vuk perfeitamente.

“Sou seu padrinho. Esse é o meu trabalho.”

Não foi a resposta mais entusiasmada do mundo, mas não conseguia imaginar Vuk expressando entusiasmo por nada. O homem era uma verdadeira geleira.

– Eu sei, mas mesmo assim... – retrucou Jordan. – Eu agradeço. Nós agradecemos.

Ele apertou minha mão sobre a mesa, e abri outro sorriso fingido.

Nada extraordinário. Apenas duas pessoas prestes a se casar e profundamente apaixonadas uma pela outra. *Óbvio.*

Um músculo saltou na mandíbula de Vuk.

Seus olhos encontraram os meus novamente, e tentei disfarçar outra onda de calafrios.

Nem Jordan nem eu tínhamos contado sobre o acordo para mais ninguém. Era arriscado demais. Havia milhões de dólares em jogo, e nosso acesso a eles dependia da nossa capacidade de tornar aquele relacionamento convincente. Por mais que odiasse guardar segredos da minha família, eu *precisava* do dinheiro.

Mas às vezes Vuk olhava para nós, para mim, como se...

O toque de um celular cortou meus pensamentos.

Jordan fez uma careta.

– Desculpe, preciso atender. – Ele soltou minha mão e se levantou.  
– Já volto. Se o garçom perguntar, não vou querer sobremesa, está bem, querida?

– Aham. Pode deixar.

Torci para que minha resposta soasse natural e espontânea. Embora a conversa fluísse com facilidade quando estávamos a sós, a necessidade de mostrar ao mundo que éramos um casal feliz atrapalhava nossa interação em público.

Depois que Jordan se retirou, Vuk e eu voltamos a ficar em silêncio.

– Então... – falei, num tom animado, desejando, não pela primeira vez, que Jordan tivesse escolhido alguém menos apavorante para ser seu padrinho. – Quais são os planos para a despedida de solteiro? Pôquer? Strippers? Seja sincero. Não vou ficar ofendida.

Eu não queria falar sobre o casamento, mas não conseguia pensar em mais nada que pudéssemos ter em comum.

Vuk me encarou com frieza. Uma mão envolvia o copo, a outra estava pousada na mesa, e Deus era testemunha de que ele não havia conversado comigo uma única vez desde que nos conhecemos, mais de um ano antes. Duvidava que ele fosse começar naquela noite.

*Está bem, então.* Ao que parecia, ele também não queria falar sobre o casamento.

Contive um suspiro e dei uma garfada na salada, desanimada.

Tinha acabado de forçar as folhas goela abaixo quando uma família de três pessoas passou pela nossa mesa. A filha, que aparentava ter 7 ou 8 anos, parou para observar Vuk.

– Mamãe, papai, olha só a cara dele – sussurrou a menina, o que não adiantou muito já que ela estava a menos de meio metro de nós. – Por que ele é assim?

– Pare de olhar – ralhou o pai. – É falta de educação.

– Mas aquelas cicatrizes são *nojentas*.

– Emily! – A mãe repreendeu a filha antes de lançar um olhar constrangido na nossa direção. – Me desculpem. Ela é...

Risadas estridentes de outra mesa abafaram o resto do pedido de desculpas. A mulher segurou a menina pelo ombro e a conduziu às pressas para fora do restaurante. O pai foi atrás, tomando o cuidado de não olhar para Vuk.

Senti o metal gelado pressionando a palma da minha mão. Não havia percebido a força com que estava segurando o garfo e tive que me obrigar a soltá-lo.

Vuk, por outro lado, não se movera nem um centímetro. Se não fosse por uma contração quase imperceptível de seus lábios, diria que nem sequer tinha ouvido a garota.

Com que frequência as pessoas descaradamente o encaravam e cochichavam coisas horríveis, a ponto de ele reagir com tanta indiferença?

A empatia aliviou minha irritação de antes. Não sabia se deveria falar ou não sobre o ocorrido, então deixei o silêncio se estender enquanto refletia sobre o que dizer a seguir.

Além da cicatriz no rosto, Vuk tinha outras marcas de queimadura ao redor do pescoço, despontando sob a gola da camisa. Embora não se destacassem tanto, qualquer pessoa as notaria.

Mas a menina estava errada. As marcas de Vuk não eram *nojentas*. Simplesmente faziam parte dele. Algumas pessoas tinham sardas e pintas; ele tinha cicatrizes.

Os lábios de Vuk se contraíram ainda mais.

“Se a minha aparência te incomoda tanto, podemos encerrar o jantar mais cedo.” Seus movimentos foram tão afiados que poderiam cortar vidro. “Não quero estragar o seu apetite.”

Senti meu rosto esquentar, morta de vergonha por ter sido pega encarando – exatamente o que a garotinha havia feito –, mas as suposições dele a respeito do meu caráter me deixaram indignada.

Ele realmente me achava mal-educada e frívola a ponto de julgar descaradamente a aparência dele durante o jantar?

– Eu não estava te olhando por causa da sua aparência. Você está sentado bem na minha frente. É natural que eu olhe pra você. Eu nem sequer estava *pensando* em você.

Era uma mentira descarada, mas não havia a menor chance de eu com-

partilhar meus verdadeiros pensamentos com ele. Tinha a impressão de que Vuk ficaria mais irritado com uma demonstração de empatia do que com uma grosseria.

Ele arqueou minimamente a sobrancelha.

– Não estava mesmo. – Ergui o queixo. – Estava pensando sobre... a Irlanda. E em como estou animada para conhecer o país.

Vuk não pareceu convencido.

“Você já foi à Irlanda.”

Dessa vez, fui eu que ergui as sobrancelhas.

– Como sabe disso?

Eu havia passado um verão em Dublin, estudando, antes de ser descoberta por um caça-talento e largar o curso na Universidade Howard para trabalhar como modelo em tempo integral. Não era nenhum segredo, mas também não era de conhecimento geral.

Houve uma pequena pausa antes de Vuk responder:

“Jordan me contou.”

Franzi a testa. Não me lembrava de ter contado a Jordan sobre Dublin, mas podia estar enganada. O último ano e meio tinha sido tão confuso que eu mal lembrava como era a vida antes de aceitar o casamento de conveniência com Jordan.

Era um noivado longo, mas eu me casaria com o herdeiro de Jacob Ford. As pessoas esperavam uma cerimônia luxuosa, e planejar algo daquele porte levava tempo.

Ela estava marcada para fevereiro, dali a seis meses. Depois disso, eu receberia a primeira parcela de 5 milhões de dólares e poderia finalmente largar a agência.

Eles já haviam sugado demais meu dinheiro e minha alma. Se eu perdesse mais alguma parte de mim, não sobraria nada.

– Você vai levar alguém ao casamento? – perguntei a Vuk.

Apesar de bastante conhecido, já que era CEO de uma grande empresa, o homem era notoriamente reservado.

Eu sabia que ele havia nascido na Sérvia e que sua família tinha se mudado para os Estados Unidos quando ele tinha 10 anos. Vuk fizera faculdade de engenharia química, época em que conheceu Jordan, e os dois haviam sido colegas de quarto durante os dois últimos anos na Thayer.

Algumas pessoas o chamavam de Sérvio, aparentemente porque ele odiava

ser chamado pelo nome verdadeiro, mas eu suspeitava que isso fosse apenas boato. Jordan sempre o chamava de Vuk, e ele nunca reclamou.

Era tudo que eu sabia a seu respeito.

Não havia nenhuma informação sobre a vida pessoal de Vuk na internet, e eu sentia uma estranha curiosidade em relação à sua vida amorosa.

Nunca o vira acompanhado, mas ele era rico, solteiro e poderoso – a santíssima trindade, ao menos para grande parte das mulheres de Manhattan. Ele *tinha* que estar saindo com alguém, ainda que casualmente.

Uma emoção indecifrável cruzou o rosto dele.

“Talvez.”

– *Talvez* não é resposta.

“Se eu tivesse outra, teria dado.”

Eu o encarei, séria.

– Você faz questão de ser uma pessoa difícil ou é só seu jeitinho mesmo?

“As duas coisas.”

Deixei escapar um leve grunhido de frustração.

Os lábios de Vuk se contraíram. Em qualquer outra pessoa, aquilo talvez fosse o lampejo de um sorriso, mas a mera ideia de Vuk Markovic sorrir era tão absurda que eu só podia estar imaginando coisas.

– Eu...

Uma lufada de ar interrompeu a resposta certamente brilhante que eu estava prestes a dar.

– Me desculpem. – Jordan pareceu sem fôlego ao se acomodar na cadeira. Eu estivera tão concentrada na conversa com Vuk que nem o vira se aproximar. – A ligação demorou mais do que eu esperava.

– Está tudo bem? – perguntei.

Uma ruga se formou entre as sobrancelhas dele, e o cabelo, antes impecável, estava espetado como se ele tivesse passado a mão na cabeça várias vezes.

– Na verdade, não. – A voz de Jordan soou estrangulada. – É a minha avó. Você tinha razão. Ela... não está muito bem. Preciso ir a Rhode Island amanhã para vê-la.

Orla havia retornado à sua mansão em Newport depois da festa de terça-feira.

– Como assim, ela não está muito bem? – perguntei, preocupada.

– Não sei direito. A assistente dela acabou de me dizer que preciso ir até lá o mais rápido possível.

Não podia ser boa coisa.

Mordi o lábio, aflita. Não tinha intimidade com a família de Jordan, mas também não desejava que algo de ruim acontecesse à avó dele.

Ela era o motivo do nosso acordo. Orla havia se cansado de esperar que o único neto sossegasse e dera um ultimato a Jordan no ano anterior: ele deveria se casar nos dois anos seguintes e *ficar* casado por pelo menos cinco anos ou ela doaria toda a fortuna da família para a caridade.

Todos os 120 milhões de dólares.

Claro, Jordan me procurara dias depois com uma proposta. Eu tinha aceitado, e ali estávamos nós.

*Preciso ir a Rhode Island amanhã para vê-la.*

Só então entendi o que aquelas palavras sugeriam.

– Se você precisa ir para lá amanhã, isso significa que...

– Não vou poder ir à prova dos bolos – disse ele, constrangido. – Sinto muito. Sei como foi difícil conseguir esse horário.

Tínhamos um voo marcado para a Califórnia no dia seguinte para nos encontrarmos com Sammy Yu, cujos bolos de casamento haviam se tornado um símbolo de status. Noivas do país inteiro esperavam *meses* para conseguir um horário para a degustação. Os casais organizavam viagens a São Francisco só para vê-lo.

– Não. Tudo bem. – Balancei a cabeça. – Vamos remarcar. Sua família é prioridade.

– Duvido que a gente consiga remarcar para antes do casamento. Já estamos com o prazo apertado e minha mãe vai ficar furiosa se não tivermos um bolo do Sammy Yu na recepção. – Jordan passou a mão pelo rosto. – O problema é que ela quer ir para Rhode Island no jatinho, então não tem como você usá-lo para ir à Califórnia. E não quero que você faça a prova sozinha. A não ser que...

Os olhos dele foram até o outro lado da mesa. Um medo repentino se formou em meu estômago. *Não.*

– Vuk, eu sei que é pedir muito, mas você se importaria de levar a Ayana a São Francisco amanhã? – Um tom de súplica tomou a voz de Jordan. – Seu jatinho está em Nova York, né? É só pelo fim de semana, e eu fico te devendo uma.

Eu me atrevi a olhar para Vuk mais uma vez.

Qualquer sinal de cordialidade que ele pudesse ter demonstrado antes

havia desaparecido. Ele parecia uma estátua de pedra com uma expressão sombria, olhando para Jordan como se ele tivesse lhe pedido que esfolasse a própria pele e a transformasse em um tapete para os meus pés.

Nossa, uau. Sabia que ele não gostava de mim, mas não precisava parecer *tão* horrorizado diante da perspectiva de viajar comigo.

– Por favor. Não confio em mais ninguém para acompanhar a Ayana, e você sabe como a minha mãe é – disse Jordan. – Ela vai me infernizar pelo resto da vida se não conseguirmos esse maldito bolo.

“Ela pode usar o jatinho.” Vuk nem se dignou a olhar para mim. “Não preciso ir com ela.”

Fiquei irritada. Embora fosse gentil ele oferecer o jatinho (mais ou menos), eu não estava gostando nem um pouco de os dois falarem de mim como se eu não estivesse presente.

– Não preciso de jatinho nenhum. Vou comprar uma passagem, como uma pessoa normal.

– Vai dar muito trabalho – argumentou Jordan. – Você precisa estar de volta na segunda de manhã, e muitos voos têm sido cancelados ultimamente por conta desse apagão nas comunicações. – Ele se voltou de novo para Vuk. – Dois dias. Só isso. Você conhece o meu gosto, então pode me substituir na prova, e Ayana não gosta de voar sozinha.

Eu me retraí. Não era como se meu medo de avião fosse um grande segredo, mas parecia um detalhe íntimo demais para ser compartilhado com Vuk.

*Tudo* parecia íntimo demais para ser compartilhado com ele.

Suas feições se transformaram em uma carranca. Se o sujeito já parecia desconfortável antes, agora estava claramente irritado.

Parte de mim esperava que ele dissesse não. Sim, a ideia de pegar um jatinho particular era muito mais atrativa do que tomar um calmante antes de encarar um avião lotado, mas Vuk e eu nunca tínhamos ficado sozinhos antes.

Mesmo naquele momento, cercado por dezenas de clientes em um dos restaurantes mais badalados da cidade, ele conseguia sugar todo o oxigênio do ambiente. Sua presença era como um buraco negro – poderosa, inescapável e tão intensa que todo o resto empalidecia.

“Está bem.” Seu semblante era frio como gelo. “Eu vou. Só pelo fim de semana.”

- Ótimo. – O alívio de Jordan era palpável. – Muito obrigado de verdade.  
– Ele apertou minha mão outra vez. – Não é ótimo, querida?  
– Demais.

Forcei tanto o sorriso que minhas bochechas doeram. Se eu fosse atriz em vez de modelo, seria demitida na hora. Felizmente, Vuk não notou minha tentativa lamentável de fingir entusiasmo, pois *continuava* ignorando a minha presença de forma ostensiva.

Era como se o retorno de Jordan tivesse acionado um interruptor. Ele passou de uma conversa sucinta para a mais completa indiferença.

Tudo bem, eu podia lidar com isso. Preferia mil vezes um acompanhante silencioso a ter que aturar alguém impossível.

Além disso, era só uma degustação de bolos. Vuk não iria me acompanhar para comprar a lingerie da noite de núpcias.

Uma viagem de ida e volta e um fim de semana na Califórnia. Seria tranquilo.

Peguei o copo d'água, meu anel de noivado absurdamente opulento brilhando sob as luzes. Não era nem um pouco o meu estilo, mas Jordan havia insistido que fosse algo chamativo, “para manter as aparências”.

Vuk estreitou os olhos, que fuzilaram o diamante antes de encontrarem os meus.

Uma nova onda de arrepios se espalhou pelos meus braços.

*Tranquilo.* Engoli a água, que tinha um gosto metálico. *Claro.*

## CONHEÇA OS LIVROS DE ANA HUANG

### REIS DO PECADO

Rei da Ira

Rei do Orgulho

Rei da Ganância

Rei da Preguiça

Rei da Inveja

### DEUSES DO JOGO

Partindo para o ataque



Este e outros títulos do nosso catálogo estão disponíveis em audiolivro.

[editoraarqueiro.com.br](http://editoraarqueiro.com.br)

